

Maria de Lourdes O. Reis da Silva

FORMAÇÃO DOCENTE: INVENÇÃO E ARTE

Pensar as aprendizagens do educador e o processo de alteração vivenciado na sua relação com seus pares, é enveredar por um terreno contestado, já que diferentes concepções, objetivos e perspectivas norteiam a busca por determinado campo de estudo. Inúmeros fatores interferem no processo formativo, individual ou coletivo, para os quais são importantes as escolhas, as crenças e as opções teóricas, construídas ao longo das histórias de vida dos sujeitos formadores e formandos em seus processos de aprendizagem.

Os conhecimentos da formação pedagógica transcendem a prática docente em instituições de ensino formal. O debate se distingue em termos de formatividade, de um fazer estético, enquanto invenção e arte, pelos seus aspectos políticos e epistemológicos de abertura conceitual e diversidade metodológica.

Considerada desde a Antiguidade como Arte de Ensinar e sendo a Arte “um tal fazer que, enquanto faz inventa o por fazer e o modo de fazer” (PAREYSON, 2001, p. 26), a prática docente insere-se nesse contexto da invenção, criação e reinvenção por excelência, que foge ao controle da objetividade e de verdades absolutas e orientadoras de práticas colonizadas e hermeticamente concebidas.

O professor, como intelectual, no seu percurso profissional e formativo, é um artista e um crítico de si e de sua obra: o seu fazer pedagógico. Vivencia uma experiência estética, “objeto da sua reflexão, o esforço do artista para dirigir, segundo leis ou normas, sua própria atividade e o do crítico para delinear-se um método consciente de leitura e de julgamento” (PAREYSON, 2001, p. 12). O professor é um intelectual

transformador, político e legitimador de ideias, contribui para ressignificar o seu mundo e o do seu aluno, na busca de si e do outro, como crítico e analista de um contexto onde se movimentam seres singulares que se enriquecem potencializando experiências.

A concepção da pedagogia como “arte de ensinar” passou por um processo de descrédito conceitual, prático e político, dando lugar a uma abordagem científica da pedagogia, dos métodos e estratégias de ensino. Pouco a pouco, o fazer pedagógico foi se instalando como um processo regulado por concepções formalistas e tecnicistas, embotando a criatividade e a capacidade dos professores para produzir, inventar, vivenciar uma *práxis*. Considerar o ensino como arte é acentuar o aspecto da formatividade, que singulariza a construção da *práxis* em obra de arte “uma atividade na qual execução e invenção procedem *pari passu*, simultâneas e inseparáveis, na qual o incremento de realidade é constituição de um valor original” (PAREYSON, 2001, p. 26).

Assim como a obra do artista só se apresenta depois de acabada, durante a sua execução foi pensada, concebida e é irrepitível; a prática docente tem um caminho formativo, inventivo, de produção prático-reflexiva a partir de concepções teóricas que a orientam, mas não tiram sua originalidade de ser única e irrepitível antes, durante e depois de sua concretização. Arte de ensinar não é simplesmente copiar modelos, mas pensá-los, ressignificá-los em uma experiência nova e construtiva.

Pensando o método como uma obra, um ensaio e um caminho e a ação do professor como a do artista, se esta obra-ensaio-caminho está sempre em uma situação de inacabamento, formação e reconstrução, a prática do professor é como a obra, uma experiência em que a formação atinge o seu nível mais alto de complexidade e de reflexão: a formatividade, um caminho instigante, vivencial, autônomo, compartilhante, inventivo; um fazer com arte, um formar-se para e com o

outro. Realização que se compartilha, mas não se copia, nem se perde de vista o processo da errância¹ e da itinerância² desse sujeito em formação.

Sobre a autora

Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2004 e 2008). Professora pesquisadora do Centro Universitário Estácio da Bahia com projetos na área da gestão do conhecimento e formação do educador.

Referências

MACEDO, Roberto Sidnei. Chrysallís, currículo e complexidade: a perspectiva crítico-multirreferencial e o currículo contemporâneo. Salvador: Edufba, 2002.

PAREYSON, L. Estética. Teoria da formatividade. Vozes, 1993.

¹ “pressupõe uma certa sensibilidade anterior, ao menos percepções sensibilizadoras, ruídos que instigam a curiosidade” (MACEDO, 2002, p. 76).

² “percurso estrutural de uma existência concreta e inacabada, seja de um sujeito, grupo ou instituição [...]” (Idem. Ibid. p. 76).